

UMA DÍVIDA DO ALGARVE À CIDADE ARGELINA DE BEJAIA

por Fernando Piteira Santos

DEVE o Algarve, e em particular Portimão, à cidade argelina que se chama Bejaia, uma palavra de gratidão. Há que homenagear Bejaia como prova de que os naturais de Portimão, os algarvios, e todos os outros portugueses, não esqueceram o «exilado de Bougie», aquele escritor admirável e aquele alto valor cívico que foi Manuel Teixeira Gomes.

Nessa andança de confraternização a que em nossos dias as cidades são chamadas, que irmã mais formosa pode desejar Portimão que a mediterrânica Bejaia, em meia lua aberta ao mar de Roma e de Atenas, da civilização e da cultura, que Manuel Teixeira Gomes conhecia de repetidas viagens de descoberta e devoção; esse Mediterrâneo azul e calmo, com a visão quotidiana do qual se deleitou nos anos longos do amargo exílio.

Um dia, da Argélia escrevendo ao seu amigo Columbano, Manuel Teixeira Gomes afirmou: «A afinidade congénita mais se avigora nas viagens, e hoje, velho como sou, se tivesse de mudar de nacionalidade, era entre sarracenos que de preferência a buscaria. E tudo me incita e convida a tomar tal resolução!» E logo num daqueles impulsos de auto-ironia que salpicam as suas páginas, acrescenta, explica: «Na minha idade, com o rosto enegrido, a barba encanecida, os movimentos entorpecidos, o traço europeu, que desenha o corpo por um figurino apolíneo, é soberanamente ridículo. Não sucede outro tanto com a túnica, o albornoz e o turbante, que até imprimem à figura do ancião um aspecto de nobre gravidade, próprio para inspirar respeito e veneração.»

Em Maio de 1928, numa carta escrita de Argel, e também endereçada ao pintor Columbano, volta a aludir «à calma dignidade com que os árabes se movem, envoltos nas pregas dos seus mantos de lã branca». E é sempre com simpatia que se lhes refere.

Há três anos ainda vivia em Bejaia quem se recordasse do sr. Gomes, do solitário português, distinto e digno, discreto e afável, mesmo na alquebrada velhice elegante e garboso, que da janela do seu

(Conclui na 3.ª página)



Um aspecto do centro da progressiva cidade de Portimão

OS CAMINHOS DA LIBERDADE

por Francisco Teodósio Neves

ACTUALMENTE, os caminhos da liberdade não serão em Portugal as programadas auto-estradas, mas sim a abertura de caminhos onde jamais os portugueses pensam em borrascas ou vendavais e os médicos e professores circularem livremente, levando saúde e ins-

trução onde se morria por falta de assistência ou em puro analfabetismo.

Muitos dos emigrados da nossa Província, esqueceram já quanto lhes era penoso chegarem a suas casas, ou aldeias, esquecendo ainda alguns o sítio onde moraram, porque os seus não podem chegar até eles, e eles não fazem um mínimo de sacrifício para de lá se deslocarem, acostumados como estão a só carregarem no acelerador. Os campos e aldeias estão ainda desassociados das vilas e cidades, e alguns portugueses lá nascidos e criados, se não contavam para os dirigentes de então, muito menos contariam para aqueles que só conseguiram chegar às casas dos senhores, onde se banquetavam e abarrotavam os carros, dizendo depois que tudo corria bem e nada faltava àquela gente.

Existem projectos de estradas com largas dezenas de anos e só era aflorada a sua necessidade em tempos de eleições, enganando-se as populações com promessas que jamais se cumpriram.

Como felizmente temos outros dirigentes, eles como nós, já viram que são flagrantes essas necessidades. Sempre nos temos batido por

(Conclui na 6.ª página)



1974 — MAU ANO PARA AS VEJETAS POLÍTICAS

HÁ dias, numa revista de grande expansão internacional chamou-nos a atenção a série de dirigentes políticos que, no ano de 1974 desapareceram para dar lugar a outros. Por morte, por eleições, por meio de golpes revolucionários e até voluntariamente, assim aconteceu efectivamente em vários pontos do Globo.

Richard Nixon demite-se impellido pelo escândalo Watergate e sucede-lhe Gerald Ford e os Estados Unidos começam a construir outro mito presidencial; na Inglaterra, os conservadores do sr. Heath são substituídos no governo pelos trabalhistas do sr. Wilson, mas certos problemas económico-sociais mantêm-se de pé; Golda Meir renuncia à chefia do governo israelita, sucedendo-lhe o general Rabin que também lança na política de Telavive uma geração diferente; em França, morre um presidente, Georges Pompidou e as eleições escolhem para o substituir Valéry Giscard d'Estaing; outro morto, Juan Perón, é substituído por uma mulher, a sua viúva que fica a chefiar a república argentina; Willy Brandt também desaparece da cena política de Bona, ocupando o seu lugar de chanceler um técnico financeiro conhecido, Helmut Schmidt. Haile Selassie termina um largo reinado quase mítológico de 58 anos para dar lugar ao general Andom e depois a outro general, Teferi Benti, que lança a Etiópia nos caminhos do socialismo; no Japão, Kakuei Tanaka demite-se e é Mik Takeo que vai ocupar essas funções; na Grécia, o

(Conclui na 3.ª página)

TEMAS EM DEBATE

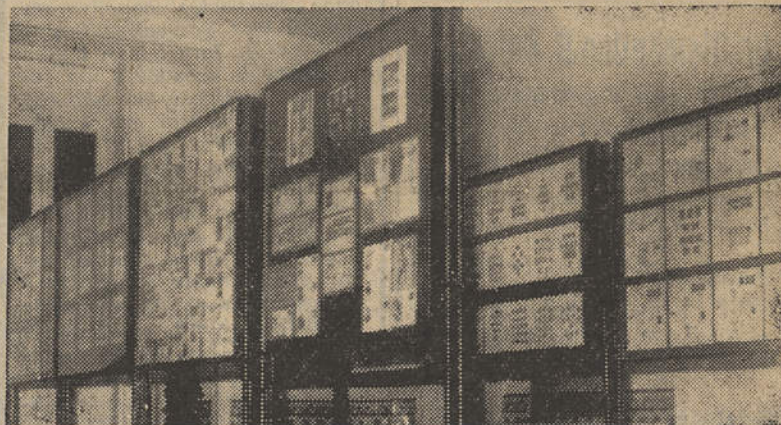
UM PENSAMENTO A TRÊS MESES DE DISTÂNCIA

Terminou o período de recenseamento eleitoral e os números dos inscritos são bastante significativos. Agora faltam apenas três meses escassos para as eleições, que serão precedidas de um período de campanha oficial.

Cada um, se já não tem o seu partido, como militante ou simpatizante, vai ter ocasião de escolher, encontrando o sector político a que melhor se quadra. É bom recordar-se, porém, a mensagem do Presidente da República no Dia de Ano Novo, a qual constituiu autêntico apelo à calma e ao bom senso. Lembrando o próximo acto eleitoral, o general Costa Gomes aconselhou: «votemos esclarecidamente em partidos autênticos que nos proveem a sua vocação de contribuir para uma democracia pluralista e livre».

Este o problema — não nos deixarmos enganar pelas aparências das coisas, pelas demagogias e pelos oportunismos. Agora que pela primeira vez vamos votar livremente, que o façamos com consciência, seguros do que queremos: um país democrático que lançou por terra definitivamente o fantasma e o pesadelo do fascismo. Para isso não podemos escolher ambiguidades. Temos de encontrar o partido que nos fale de realidades e não que nos embale em teóricos e problemáticos mitos que não são mais do que abstrações conducentes a experiências antigas que nada interessa repetir.

Votar é uma arma do povo — temos lido diariamente no ecrã da Televisão. Não há dúvida e, acima de tudo, é necessário que essa arma saiba defender os seus interesses, para evitar que ela se volte contra nós próprios. Só nessas condições é que uma arma se torna útil, eficiente, ao serviço da comunidade, atingindo o alvo que desejamos: neste caso o tal estado livre, democrático e pluralista, que nos aconselha o nosso Presidente. — M. B.



Alcançou pleno êxito a Mostra Filatélica integrada nas comemorações do segundo centenário da fundação de Vila Real de Santo António e que decorreu num dos átrios dos Paços do Concelho daquela vila.

Numerosos filatelistas de todo o País solicitaram, dos organizadores, a remessa de sobrescritos alusivos ao acontecimento, nos quais figura também o carimbo especial mandado executar pelos C. T. T., cujo principal motivo, extraído do brasão de armas da vila, é um barco de pesca, com as respectivas redes. A gravura acima reproduz um aspecto da Mostra Filatélica.

COMEÇOU ONTEM EM MONTES DE ALVOR A "CIMEIRA" PARA A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

Após muita controvérsia e alguma especulação por parte de certos órgãos informativos, o Algarve acabou por ser escolhido para a realização da conferência cimeira dos três movimentos de emancipação de Angola, com vista à independência daquele território.

A transcendente jornada começou ontem a desenrolar-se em Montes de Alvor (Portimão), no Hotel da Penina e a ela nos referiremos mais detalhadamente no próximo número.

NOTA da redacção

NO momento em que escrevo, afirma-se um acordo entre os movimentos nacionalistas angolanos com vista a uma reunião com o Governo português. Diz-se que será no dia 10 a cimeira e há hipóteses de se efectuar no Algarve.

Por enquanto, a este respeito, são apenas suposições. Onde há certeza é no acordo saído das conversações travadas em Mombaça entre Agostinho Neto, Holden Roberto e Jonas Savimbi, com o objectivo futuro de ser proclamada a independência de Angola.

Foi difícil a realização desta plataforma dos movimentos nacionalistas em virtude da divisão que até aqui os tem caracterizado, pelo que o previsto governo de transição também será dividido em igualdade de circunstâncias pelas diversas facções. Tem sido uma caminhada trabalhosa de conversações prévias até atingir estes resultados que muitos pensam apenas teóricos. No entanto, há realidades evidentes que não podemos negar como sejam a intenção do Governo Provisó-

NA SENDA DA DESCOLONIZAÇÃO

rio em chegar à mesa das conversações e de consultar posteriormente o povo angolano sobre o seu futuro político. Entretanto algumas fases preparatórias têm ocorrido em Luanda, desde a nomeação do alto comissário à escolha do actual governo, e mesmo a mentalização do seu povo para a fase seguinte que será de transição.

Agora, resta-nos esperar um acordo de conjunto com o Governo Provisório e a manutenção das decisões tomadas entre si pelos movimentos de libertação. Haverá dificuldades decerto, como é de contar com a acção nefasta dos elementos reaccionários, mas a finalidade última — a independência — deverá constituir a meta a atingir por todos, em paz, em segurança e num mútuo entendimento. Os próximos dias definirão essa nova fase irreversível, porque quer a cimeira se realize no Algarve, ou nos Açores, ela acabará por mostrar o lógico caminho da libertação de Angola.

UM INQUÉRITO AOS MUNICÍPIOS ALGARVIOS

Chegaram já algumas adesões ao inquérito que JORNAL DO ALGARVE está promovendo junto dos presidentes das Comissões Administrativas das Câmaras Municipais da nossa Província e cujos resultados começaremos a publicar ainda no mês em curso.

São as seguintes as perguntas postas aos responsáveis pela gestão dos concelhos algarvios:

1. Como encontrou, ao tomar posse, os diversos serviços da Câmara Municipal a cuja Comissão Administrativa preside?
2. Quais os maiores problemas com que inicialmente deparou para poder desempenhar as suas funções?
3. O que desejaria ver feito, em primeiro lugar, a bem do progresso do seu concelho?
4. Como pensa que isso poderá conseguir-se?
5. Quais as outras realizações, menores, embora também prioritárias, que acha mais interessarem ao concelho?
6. Vê possibilidade de se lhes dar seguimento?
7. Que pensa quanto à politização das populações desse concelho?

A saúde é a maior riqueza

FEBRE TÍFICA E LEITE

O leite pode conter o germe da febre tífica. Mãos do ordenhador, vasilhame, adição de água, moscas, etc., são as causas mais comuns dessa contaminação. A febre destrói os micróbios que se encontram no leite.

Beba só leite que tenha sido fervido.

